



Primeiro Movimento

O Cometa

[...]
porque o presente é todo
o passado e todo o futuro
e há Platão e Virgílio dentro das máquinas
e das luzes eléctricas
só porque houve outrora e foram
humanos Virgílio e Platão,
e pedaços do Alexandre Magno
do século talvez cinquenta,
átomos que hão-de ir ter febre
para o cérebro do Ésquilo do século cem [...]

Antônio Fernando, *in Ode Triunfal*

Ésquilo, o teu cometa acabou de passar por nós,
deixou avisado que voltará;
século cem, para receber o Ésquilo
do Século Cem,
de Ésquilo a Ésquilo
(*siglo* — isto é uma profecia).

— Existiria o tempo?
— Existiria o homem?

Que diferença faria eliminar
trinta e três ou até mais, tanto faz,
50 séculos, 55, pois
os ciúmes, os ódios,
os aleitamentos, os teus olhos tristes, meu amor:
coisas de sobrar, o que a mais haveria?

Sobrariam alguns riscos nas paredes,
galerias de Altamira,
Piracuruca; uma boneca de plástico
de braço arrancado,
na maré vem-e-vai de Long Island; sobrariam
talvez umas esporas
de prata,
minhas;
uns dentes de ouro, do meu negro negroiro;
o meu canto sobraria, o meu gibão de couro —
porque só a arte fica —,
porque os profetas ficam... e voltam...,
as bonecas morrem e se saciam.

— De onde vem, meu senhor Coronel?
Boa-noite!
Não reconhece o seu negro-moleque
por quem pagou uma partida de farinha
e carne-seca?
Sou eu, Coronel,
seu eterno moleque Salomão e suas queixas
dos três outros moleques
extraviados de minha escolha!

— Ah, Salomão, meu negro,
salve a alegria de te ver, Deus te abençoe!
Dentro da bruma dos olhos baços,
porque a aurora do Século Cem pertence
ao cometa Hale-Bopp;
isto também não tem nenhuma importância
depois dos moleques que me perdeste errado;
os tempos me confundem, não há tempo,
há todo o tempo, um tempo só:
o Século Cem,
de Ésquilo.

— Coronel, do primeiro moleque a culpa minha
é pequena, já lhe contei cem vezes:
chegaram os homens do Norte e botaram
preço,
mais panos-da-costa,
mais rum, mais panos eles botaram,
e o traficante desfez a venda
embarcada e mandou descer os negros, fortes;
as negras, belíssimas,
que jamais escolhi diferente;
no meio das negras jovens,
da minha escolha, a escolha do Capitão,
os dentes risonhos, os gestos de chã,
desceu, meu Coronel,
no meio delas, o tal negrinho desceu,
que o senhor não pára de reclamar;
que depois me disseram,
disseram também ao senhor,
o molequinho bailava,
bailava de beija-flor.

— Mera questão de preço, Coronel,
não pude pagar
do dinheiro que o senhor me deu;
os gringos pagaram,
ainda botaram preço
sobre mim, como se eu soubesse
trair, que nunca traí;
eles levaram, me levariam também.

— Voltei,
as mãos abanavam,
o senhor me reclama,
80 séculos que me reclama, Coronel!
(O abraço à minha madrinha!).

— E os outros dois moleques, Salomão,
por que os vendeste?

— Dos outros dois, Coronel, um tossia demais;
o outro começava a aleijar, e o troquei;
foi numa troca de burros, ele desceu às *Geraes*,

o negrinho aleijava, viajou e ficou.
E aleijou.

— O mais mofino, Coronel, troquei num jogo de malas,
das suas viagens para as Europas, muitas;
o negrinho da tosse foi metido a remos
no rumo do Sul, estrelas do Cruzeiro,
lugar Desterro, parece que foi,
Desterro, faz tempo, Coronel!

— Era falador o moleque, Coronel, mesmo mofino;
tossia, o moleque tossia;
o senhor me perdoe, qu'eu me enganei,
porque tossir, o Menino também tossiu.

E nem por isso.





Segundo Movimento

Os Cantares de Pulso

Um dia, *Hiberia*, era mar,
um mar de poente,
e me arribei de ti.

Data? — por que me queres de datas?,
quem sabe de datas!? Os pinhos,
os vinhedos, os montes, aquela aldeia moira —
e tu, Portugal, s' escondiam
calmos
à risca do mar; e o areal — era África.

Às minhas costas, num bracejo —
bracejar de dias e dias:
era escuro o mar ibérico,
também escuras as águas mouras
porque nelas (occidente)
se depõe
o Sol.

Cem dias,
370 milhas — não eram léguas? —
braças, alqueires, eiras, planos? —
sei lá de que palmos;
eis os perdidos elos, inútil achá-los:
os porões, o tombadilho;
o que mais importa? — datas a quê?

Desliguei todos os relógios,
entortei-lhes os ponteiros,
lancei-os no mar.

Este corpo, este fardo — despejei-me à súbita manhã
da aurora, onde um roçado líquido,
riscado de Sol:
(é lindo, Portugal!,
o meu bracejo de sol, de mar a mar, este,
o meu,
Siarah Grande, terra minha, este mar
à manhã nascedoira, aqui).

Aí, Portugal, em tuas terras moiras,
o Sol nasce de dentro dos montes e se apaga
dentro das águas;
aqui, ele se rasga aos céus, de dentro do mar,
surgindo.

Nesta manhã de rubros, rastejo a manhã
e de joelhos,
as conchas do mar me falam:
o Minho, o Douro, *la plaza*, os toiros
estão em ângulo
de grau,
um grau de longes,
à frente e à esquerda estão;
é longe, sim, *Hiberia* — *recuerdos*:

— *Navigate, Hiberia!*

— *Navigamus.*

O mar é longo.

Longas as águas verdes,
longos os olhos verdes às barrancas do meu rio:
a ti, Antônia, que diferença houvera de fazer
me nascesse o Sol à esquerda ou à direita
se, bem dentro dos teus olhos, só
o desterro da noite?

Aqui a minha Tróia, agora:
este mar de sol, Siarah, onde
touro e mameluco navego o dia;
branco e mouro a noite carrego;
negro e cinza enfrento
a tragédia e a aurora:
tanto faz, a tragédia, a aurora — tanto faz:

Exmo. Sr. Antônio, dito Conselheiro ou Antônio dos Mares,
venho-lhe pedir que inscreva
a Francisco
no livro dos que não crêem
na noite.

E tu, Calíope, permite que no rol,
uma lista exígua, continuem os nomes —
[aqueles nomes, sempre serão poucos, tu o sabes!]:
porque os homens caem direto dos homens;
direto dos deuses
alguns poucos homens
caem;
levanta-se uma raça de homens;
levanta-se uma raça de deuses.

Ignacio y Pizarro, «Ite, Incendiate!».
y Cortés y el Cordobés, «Canudos não se rendeu».
y Moscardó e Conselheiro,
«Tudo cierto en Alcázar, mi General!».

O touro,
o louco,
o mar absoluto:
«Mi general,
le entrego el Alcázar destruído, pero
el honor queda
intacto».

Sabedores da morte, sabedores do criar,
despregados da verdade,
eles da morte sabem, da morte destemem.

Sim, meu caro Pilatos, eles sabem,
eles descrêem, mera tarefa de mais crer:
«Canudos não se rendeu».

Bêbados, senhor Procurador,
completamente bêbados (mas nada beberam!)
meu caro Pilatos,
(hemos de saber, sabemos),
porque eles sabem
a Verdade de que tanto
inquiriste
inutilmente:
aos escombros
o touro, o santo, o louco,
o mártir, o herói, o bandido:

«Canudos não se rendeu.

*«Exemplo único em toda a História,
resistiu até o esgotamento completo.*

*«Expugnado palmo a palmo,
na precisão integral do termo,
caiu
no dia 5, ao entardecer,
quando caíram
seus últimos
defensores, que todos morreram.*

*«Eram apenas quatro:
um velho, dous homens feitos e uma
criança,
na frente dos quais rugiam
raivosamente cinco mil soldados».*

Destes lugares, muitos:
mouro, touro, mameluco, franceses,
holandas, chegados, idos, fugidos,
voltados às terras índias, e fui ficando,
Siarah...

Siarah Grande, pisando venho
estes caminhos ásperos —
filho de Anísia e de Francisco, no Ipu nascido...

De que me acodem, úteis, as tragédias?,
se
desta barranca, as águas escassas
só me refletem o entardecer da tua voz?

José Moscardó Ituarte, citam-no em Toledo:
Toledo escombros, o filho fuzilado:
Toledo, este livro,
Toledo história:
«Tudo cierto en Alcázar, mi General!»

Eles berram, berramos
sob a Verdade absoluta:
este grito jugular —

¡Arrrrrrrrriba España!

¡Arrrrrrrrriba España!

Amar, nascer, nem tanto mais;
à montanha,
o mirro grão de ouro há de ecoar
nos escombros da noite o grito da noite:
gente, eu,
que não tememos
a noite.

Calendários?
Não temos o costume.

Atira, forasteiro,
as alpercatas ao pé da porta;
vais penetrar num templo de auroras,
porque só os deuses sabem da Aurora,
porque os sabedores da Aurora
tangem, no pulso certo, entre mão e olho, a força do crear;
porque deles a certeza da morte
certa, da certeza retiram todas as setas da audácia:

Os que criam são puros.
Os que imitam, escravos.

Era uma manhã de beira de cais,
desabavam uma montanha de pedras,
e aquele monte de pedras soltas
acompanhava o chaos de Deus —
pedr'alguma era igual.
E ali, diziam que iriam levantar
um paredão a uma cidade-lá-em-cima.

E as pedras soltas,
uma e outra se encaixavam,
porque uma mão tomando cada qual de qual,
pedra e mão nascidas uma da outra,
assim os deuses! —
sob o olho artífice:

Nesta junta,
neste calo,
nesta cal,
aqui,
ali,
nesta frincha,
assim,
esta,
mais esta,
agora aquela,
lá.
Vejam!
A muralha,
o caminho!
A viagem!

E minha vista de Coronel de vista larga
se destacou num negro jovem; mesmo cautivo
trazia ele no gesto o gesto;
à eloquência de sua mão de pedra
a pedra se entregava —
ao logaritmo, à curva e à senóide,
que as parábolas na mente do negro,
em cima daquela montanha de pedras,
pedregulhos e a montanha desmanchada,
bastava um olhar — o mar profundo —
[...]

porque ao olho do criar a força do criar;
à dúvida do criar, à certeza do matar,
porque esta, certa, apenas esta:
a certeza de morrer —
...ninguém acredita.

No mesmo instante comprei o moleque.
E mandei batizá-lo na fê de Cristo e disse:
Negro, teu nome a partir de hoje é Salomão,
da casa deste teu Coronel e de tua madrinha,
porque os meus braços e os meus olhos serão
poupados para o Século Cem,
de Ésquilo.

E os teus braços e os teus olhos, Salomão,
serão os meus
braços e os meus olhos em terras longas,
e a tua palavra será a minha,
honrada,
palavra de Coronel!

— **Vai!**

E mandei abastecer um veleiro,
porque dali os negros longínquos,
naquela mão do *criar*,
no olho do medir, seriam a escolha certa,
a Escolha do Capitão!,
mercadoria de qualidade, a Feitoria do Coronel!

E me traze, Salomão,
negra nova, que seja de riso,
ainda que de seus olhos navegue um mar profundo;
que tenha alma grande; que grandes e roliças
também as pernas;
não me tragas gente seca nem mal-encarada,
que tu já sabes das medidas do meu cabedal,
da fartura da minha casa,
da tirania da minha unha:

— Vai, negro!

E da minha crônica negreira botei velas e vela,
neste mar bravio as minhas bandeiras vela,
algumas perdidas, de lucros vastos porém —
sob uma marca registrada se fundou,
para as delícias, às algibeiras deste Coronel,
uma marca se fundou de Comércio & Indústria:
Os Negros do Capitão,
as Negras de Chã®
As Escolhidas do Capitão,
as Amadas do Coronel®

E delas, Carla; e delas, Sandra;
e delas, Marga; e delas, todas,
porque no olhar, porque muito mais.

Salomão Capitão jamais me enganou;
queixas só tenho dos três moleques:
o que aleijava, o que tossia, o que bailava,
porque Salomão, de uma raça de deuses,
um único dia se enganou.

— Eles também se enganam, Coronel —
dizia-me Salomão.

(Porque deuses e demônios:
Moscardó, Hernán y
Pizarro, Ygnácio y
Quijote y los toreros,
él toro y las plazas y
Don António, el Mendes Maciel,
Conselheiro e
o professor sem braços e Francisco
gente que não teme a noite
gente da mesma parelha, deuses
— deuses e demônios, à mesma laia).

Sim, Calíope, não te esqueças, hei de pedir
às outras oito a coragem... de fugir.

— Fugir, senhora musa?
Elas hão de dizer que não!

Clio à frente, troando História,
Clio atrás, apalpando história;
porque entre enlevo e ódio,
Urânia numa noite me dissera:

A onda é alta, Coronel, mirai os céus.

— **Vai, negro, o veleiro é teu!**

(Fumo, aguardente, panos;
o azougue, o jugo, o jogo, e a ferros-gentes...
e todo o ódio
e as nossas almas —
pracejamos).





Terceiro Movimento

Em Língua Teuta

Temí, Salomão, que um dia o Século
de Ésquilo
se escrevesse em língua bárbara,
porque os rapazes do Reno ousavam
todo o ouro do Reno
e erigiam na noite dos deuses
um punho de ódio;
crepúsculo;
eles arrogavam de mil anos; aurora:
era crepúsculo.

Berlim!

1936!

Eu te vi lá, negro!

O Capitão,
orgulho da minha escolha,
ao pé da montanha de pedras,
erigida em muralha do teu pulso altivo:

uma vitória,
duas vitórias, três vitórias,
quantas vitórias fossem, ganharias todas;
e o tirano bateu em retirada
sob o grito dos teus olhos;
os campeões de tapioca
tombaram, um a um,
sob o ódio do teu pulso!

Estrugiam as fanfarras,
Wagner tocava...
à tua “derrota” Capitão.

Toda a orquestra em silêncio,
era para ti, Capitão!

Contra tuas vitórias,
ao silêncio do teu pulso, todo o silêncio.
Sob o olhar assombrado das Valquírias,
todo o ouro do Reno, no punho fechado,
de puro ódio, fechado — caladas —,
à mordança do teu punho, fechado!

Capitão Jesse “Wotan” Cleveland Owens.

Porque todo o ouro do Reno, de suas peles
alvíssimas, aquele ouro tivera
destino de partida, um dia, Jesse;
teve destino de chegada, outro dia, Cassius;
tu foste lá entregá-lo, Apolo-Estafeta,
todo o ouro:

Berlim-Atlanta!

E um negro trêmulo,
como se fosse uma vara verde, daquelas de açoitar negro,
e acendias a tocha do fogo grego,
e as medalhas de todo o ouro do Reno
pendiam de teu peito largo,
de teu sorriso pendiam, e a teus pés pendiam
todos os que um dia:
Auschwitz-Birkenau...

Arbeit Macht Frei
“O trabalho traz a liberdade”
era o selo-sinal à Porta Inferi —
Rudolf, Adolf — quem é Rudolf?

Que deles é deles?

Resta,
restam,
hão de restar:
o Capitão negro, Jesse —
o Capitão negro, Cassius:

Não vou, Coronel, não vou brigar
contra quem
jamais me fez mal; tomem,
eu devolvo!

E o negro bailava nas sapatilhas:
— Sou o homem mais bonito do universo!
O tagarela, o borboleta...

Tomem de volta a medalha,
os títulos que conquistei, tomem...

(Preso?) Isto não tem importância...

Quem é livre-de-dentro-de-si
jamais é preso, em si!

O soco do Capitão era
de-pluma-e-de-vulcão:
alguns poucos segundos,
nocaute em Sonny Liston.

No auge, toda a fama, todo o ouro
aos pés do Capitão, toda a orquestra,
Valquírias mil,
ele disse: — “Não vou!”
(Os meros outros só dizem que sim).

Nunca te esqueças, Capitão,
a estirpe é esta, bem mais larga:
Rosa,
a estirpe rosa, de raiz e flor,
sentada estava, sentada ficou,
uma mulher e era negra,
borraram-lhe os dedos
de tinta
negra;
[...]
o carcereiro não supunha — aquele papel imundo
dos dedos da negra
valesse muito mais
que toda a Carta do Mundo —
Rosa, a estirpe Rosa;
a Suprema Corte hoje diz:
— Sim, minha Senhora, raiz e flor.

E mais um, Luther, brigou a briga inteira;
o outro era um branco,
era padre e disse que ia primeiro,
que precisava ir à frente,
era Kolbe; e a jovenzinha anotava tudo,
[...]
— o caderno, talvez um álbum —
Ana,
Ana Francisca; foram na frente, à nossa frente,
eles, os primeiros,
da estirpe dos que dizem “não!”,
dos que na frente vão
ao Século Cem,
de Ésquilo!

À estirpe, Capitão!
Dona Rosa,
o padre,
a jovenzinha,
esta parilha de negros:
Traze deles, sim,
traze só deles, Capitão!

Dos que à frente vão,
dos que só sabem ir à frente,
dos que precisam ir à frente,
dos que vão ao não!

À frente,
o Capitão Cassius Marcellus “Millennium” Clay!
Olimpicamente
ao Século Cem,
de Ésquilo.

— Vai, negro, o veleiro é teu!

